

AVA DELLAIRA

CARTAS_{DE}
AMOR
AOS
MORTOS

Tradução.
ALYNE AZUMA

S E Q U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Ava Dellaira

Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os trechos de poemas utilizados nesta edição foram retirados de *Byron e Keats entrelaçados* (Trad.: Augusto de Campos. São Paulo: Unicamp, 2009); *O casamento do céu e do inferno e outros escritos*, de William Blake (Trad.: Alberto Marsicano. Porto Alegre: L&PM, 2007); *Poem(a)s de E. E. Cummings* (Trad.: Augusto de Campos. Campinas: Unicamp, 2011); *Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop* (Trad.: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012).

TÍTULO ORIGINAL Love Letters to the Dead

CAPA Andrew Arnold

FOTO DE CAPA (GAROTA) © by Ilya Bushuev/ iStock

FOTO DE CAPA E MIOLO (CÉU) © by John Lund/ Getty Images

LETTERING Aline Temoteo

PREFERAÇÃO Thais Rimkus

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dellaira, Ava

Cartas de amor aos mortos / Ava Dellaira ; tradução Alyne Azuma. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: Love Letters to the Dead.

ISBN 978-85-65765-41-1

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

14-03638

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@sequinte.com.br



Querido Kurt Cobain,

Hoje a sra. Buster passou nossa primeira tarefa de inglês: escrever uma carta para uma pessoa que já morreu. Como se a carta pudesse chegar ao céu ou a uma agência de correio dos fantasmas. Acho que ela queria que a gente escrevesse para um ex-presidente ou alguém do tipo, mas preciso conversar com alguém. Eu não poderia conversar com um presidente. Mas posso conversar com você.

Gostaria que você me dissesse onde está e por que foi embora. Você era o músico favorito da minha irmã, May. Desde que ela morreu, tem sido difícil ser eu mesma, porque não sei exatamente quem sou. Mas, agora que estou no ensino médio, preciso descobrir rápido. Ou então vou me dar muito mal.

As únicas coisas que sei sobre o ensino médio aprendi com May. No meu primeiro dia, fui até o guarda-roupa dela e encontrei a roupa que ela usou no primeiro dia dela — uma saia plissada e um suéter de caxemira rosa. Ela cortou a gola e costurou o símbolo do Nirvana, a carinha com X nos olhos. Mas a questão é que May era linda; tinha aquele tipo de beleza que marca as pessoas. Seu cabelo era sedoso e ela parecia pertencer a um mundo melhor, então a roupa fazia sentido. Eu a vesti e fiquei me olhando no espelho dela, tentando sentir que pertencia a algum mundo, mas, na verdade, parecia que eu estava fantasiada. Então pus minha roupa preferida do fundamental, um macacão jeans com uma camiseta de manga comprida e

brincos de argola. Quando pisei no corredor do colégio West Mesa, senti imediatamente que tinha sido um erro.

Em seguida, descobri que não se deve levar almoço de casa para a escola. O certo é comprar pizza e um pacote de bolachas recheadas, ou então nem comer. Minha tia Amy, com quem moro semana sim, semana não, faz sanduíches de alface com maionese no pão de hambúrguer, porque era o que gostávamos de comer — May e eu — quando éramos pequenas. Antes eu tinha uma família normal. Quer dizer, não era perfeita, mas éramos minha mãe, meu pai, May e eu. Parece que já faz tanto tempo. Mas a tia Amy está se esforçando muito e gosta tanto de preparar os sanduíches que não consigo explicar que não são para o ensino médio. Então entro no banheiro feminino, como o sanduíche o mais rápido que posso e jogo o embrulho no lixo.

Faz uma semana que as aulas começaram, e ainda não conheço ninguém. Todo mundo da minha antiga escola foi para o colégio Sandia, onde May estudava. Eu não queria ninguém sentindo pena de mim nem fazendo perguntas que eu não saberia responder, então fui para West Mesa, que fica no bairro da tia Amy. Um recomeço, acho.

Como não quero passar os quarenta e três minutos de almoço no banheiro, quando termino o sanduíche, vou para o pátio e sento perto da cerca. Fico invisível e só observo. As folhas das árvores estão começando a cair, mas o ar ainda está tão denso que mal dá para respirar. Gosto de observar um garoto em especial, que, descobri, se chama Sky. Ele sempre usa jaqueta de couro, mesmo que o verão mal tenha terminado.

Quando olho para Sky lembro que o ar não é apenas algo que existe, mas que se respira. Mesmo que esteja do outro lado do pátio, consigo ver o peito dele se movendo.

Não sei por quê, mas, nesse lugar cheio de desconhecidos, fico feliz que Sky e eu estejamos respirando o mesmo ar. O mesmo ar que você respirou. O mesmo ar que May respirou.

Às vezes suas músicas dão a impressão de que existia muita coisa dentro de você. Talvez você nem tenha conseguido colocar tudo para fora. Talvez tenha sido por isso que morreu. Como se tivesse implodido. Acho que não estou fazendo a tarefa direito. Talvez eu tente de novo mais tarde.

*Beijos,
Laurel*



Querido Kurt Cobain,

Hoje, no fim da aula, quando a sra. Buster pediu para entregarmos as cartas, olhei para o caderno em que tinha escrito a minha e o fechei. Assim que o sinal tocou, recolhi meu material e saí. Tem coisas que não posso contar pra ninguém além das pessoas que já não estão mais aqui.

Na primeira vez que May me mostrou suas músicas, eu estava no oitavo ano. Ela tinha acabado de entrar no ensino médio e parecia cada vez mais distante. Sinto falta dela e das histórias que costumávamos inventar. Naquela noite, no car-

ro, éramos só nós duas de novo. Ela colocou “Heart-Shaped Box”, que era diferente de tudo o que eu já tinha ouvido.

Quando May tirou os olhos da rua e perguntou se eu tinha gostado, foi como se tivesse aberto a porta de seu mundo e me convidado para entrar. Fiz que sim. Era um mundo cheio de sentimentos para os quais eu ainda não tinha palavras.

Ultimamente, tenho ouvido você de novo. Coloco *In Utero*, fecho a porta e os olhos e escuto o álbum inteiro várias vezes. É difícil explicar, mas quando estou ali, ouvindo sua voz, sinto que começo a fazer sentido.

Depois que May morreu, em abril, foi como se minha mente tivesse se fechado. Eu não sabia responder a nenhuma das perguntas que meus pais faziam, então basicamente parei de falar por um tempo. Até que paramos de conversar, pelo menos sobre aquilo. É mentira que a dor aproxima as pessoas. Cada um de nós era uma ilha — meu pai na casa, minha mãe no apartamento para onde tinha se mudado alguns anos antes, e eu indo de um lado para o outro em silêncio, fora de órbita, incapaz de suportar os últimos meses do fundamental.

No fim, meu pai se isolou com o beisebol e voltou a trabalhar na Rhodes, uma empresa de construção, e minha mãe foi para um rancho na Califórnia dois meses depois. Talvez ela tenha ficado brava porque não contei o que aconteceu. Mas não consigo contar.

Durante aquele longo verão tedioso, comecei a procurar na internet qualquer imagem ou texto que substituísse a versão que ficava passando na minha cabeça. Havia um obituário que dizia que May era amada pela família, linda e uma ótima

aluna. E havia uma notícia curta, ADOLESCENTE LOCAL MORRE TRAGICAMENTE, acompanhada por uma foto de flores e outras coisas que alunos da escola dela deixaram perto da ponte, junto com a foto do anuário, na qual May estava sorrindo, com o cabelo brilhante, olhando diretamente para a gente.

Talvez você possa me ajudar a encontrar outra porta para um mundo novo. Ainda não fiz nenhum amigo. Na verdade, eu praticamente não disse uma palavra nos dez dias em que estive aqui, exceto “presente”, na chamada. E quando perguntei para a moça da secretaria para que sala tinha que ir. Mas tem essa garota chamada Natalie na minha aula de inglês. Ela faz desenhos nos braços. Não só os corações de sempre, mas paisagens com criaturas, garotas e árvores que parecem reais. Ela usa duas tranças que vão até a cintura e tem a pele escura, perfeita, aveludada. Os olhos dela são de cores diferentes — um é quase preto, e o outro é verde-escuro. Ela me passou um bilhete ontem com uma carinha feliz. Talvez eu possa almoçar com ela.

Na fila para comprar alguma coisa no almoço, todos parecem estar juntos. E eu me imagino fazendo parte do grupo. Não queria encher o saco do meu pai pedindo dinheiro, porque ele fica meio estressado sempre que faço isso, e não posso pedir à tia Amy, porque ela acha que gosto dos sanduíches. Mas comecei a juntar os trocados que encontro por aí — uma moeda de dez centavos no chão, vinte e cinco centavos da máquina de refrigerante quebrada, e ontem peguei cinquenta centavos da cômoda da tia Amy. Me senti mal. Mas foi o suficiente para comprar bolacha.

Isso me deixou feliz. Gostei de ficar na fila com todo mundo. Gostei de ver que a garota na minha frente tinha cachos ruivos que, dava para notar, ela mesma fazia. E gostei do leve barulho do plástico quando abri o pacote. Gostei que cada mordida era tão crocante que lembrava algo se quebrando.

E então aconteceu o seguinte: eu estava comendo uma bolacha e olhando para o Sky através das folhas que caíam. Foi quando ele me viu. Estava virando para falar com alguém. E então tudo ficou em câmera lenta. Nossos olhares se encontraram por um instante, antes que o meu se desviasse. Parecia que vaga-lumes brilhavam sob minha pele. E, quando olhei de novo, Sky ainda estava me encarando. Os olhos dele eram como a sua voz, Kurt — uma chave que abria algo em mim.

*Beijos,
Laurel*



Querida Judy Garland,

Pensei em escrever para você porque *O mágico de Oz* ainda é meu filme favorito. Minha mãe sempre colocava para eu ver quando ficava doente e não ia para a escola. Ela me dava refrigerante com cubos de gelo de plástico rosa e bolacha de canela, e você cantava “Somewhere Over the Rainbow”.

Agora me dei conta de que todo mundo conhece seu ros-

to. Todo mundo conhece sua voz. Mas nem todo mundo sabe de onde você realmente é, a não ser dos filmes.

Penso em você pequena, em dezembro, na cidade onde cresceu, perto do deserto de Mojave, sapateando no palco do cinema do seu pai. Cantando músicas de Natal. Você aprendeu logo que os aplausos fazem alguém se sentir amado.

Penso em você nas noites de verão, quando todo mundo ia ao teatro para aproveitar o ar-condicionado. No palco, você fazia a plateia esquecer por um momento as mazelas da vida. Sua mãe e seu pai sorriam. A maior emoção deles era ver você cantar.

Depois, o filme passava como um borrão preto e branco, e de repente você tinha sono. Seu pai a levava para fora, e era hora de voltar para casa naquele carro enorme, como um barco navegando na superfície de asfalto escuro.

Você não queria que ninguém ficasse triste, então continuava cantando. Quando ouvia seus pais brigando, cantava até dormir. E, quando não estavam brigando, você cantava para que risses. Você usava sua voz para manter a família unida. E para que você mesma não desmoronasse.

Minha mãe costumava cantar canções de ninar para fazer May e eu dormirmos. Ela acariciava meu cabelo e ficava comigo até eu pegar no sono. Quando eu não conseguia dormir, ela dizia para eu me imaginar em uma bolha voando sobre o mar. Eu fechava os olhos e flutuava, ouvindo as ondas. E olhava para a água lá embaixo. Quando a bolha estourava, eu ouvia a voz dela, me envolvendo numa nova bolha.

Mas, agora, quando tento me imaginar sobre o mar, a bolha estoura imediatamente. Preciso abrir os olhos rápido, antes

de me estatelar. Minha mãe está triste demais para cuidar de mim. Meus pais se separaram pouco antes de May entrar no ensino médio. Quando minha irmã morreu, quase dois anos depois, minha mãe foi para a Califórnia.

Com apenas meu pai e eu em casa, há ecos por toda a parte. Fico recordando momentos em que estávamos todos juntos. Posso sentir o cheiro da carne que minha mãe preparava para o jantar. Olho pela janela e quase me vejo com May no jardim, colhendo ingredientes para nossas poções mágicas.

Em vez de ficar com a minha mãe semana sim, semana não, como May e eu fazíamos depois do divórcio, agora fico com minha tia Amy. A casa dela tem outro tipo de vazio. Não é cheia de fantasmas. É silenciosa, com prateleiras repletas de porcelanas com estampa de rosas e sabonetes de rosas para lavar a tristeza. Mas estão sendo guardados para quando forem realmente necessários, acho. Nós usamos sabonetes comuns mesmo.

Estou olhando pela janela da casa dela, fria, embaixo de uma colcha de rosas, procurando uma estrela.

Eu gostaria que você pudesse me dizer onde está agora. Sei que está morta, mas acho que tem alguma coisa da gente que não desaparece simplesmente. Está escuro lá fora. E você está lá. Em algum lugar. Eu te deixaria entrar aqui.

*Beijos,
Laurel*



Querida Elizabeth Bishop,

Quero contar duas coisas que aconteceram na aula de inglês hoje. Lemos um poema seu, e a classe ouviu minha voz pela primeira vez. Faz duas semanas que estou no ensino médio, e até agora passo a maior parte da aula olhando pela janela, vendo os pássaros voando entre fios telefônicos e as árvores. Eu estava pensando em um garoto, Sky, e me perguntando o que ele vê quando fecha os olhos, quando ouvi meu nome. Olhei para a frente. Foi como se um passarinho batesse as asas no meu peito.

A sra. Buster estava olhando para mim.

— Laurel, você pode ler?

Eu não sabia nem em que página estávamos. Me deu um branco. Então Natalie se inclinou e colocou meu texto na página certa. Começava assim:

*A arte de perder não é nenhum mistério;
tantas coisas contêm em si o acidente
de perdê-las, que perder não é nada sério.*

No começo, fiquei nervosa. Mas, conforme eu ia lendo, fui prestando atenção e entendendo.

*Perca um pouquinho a cada dia. Aceite, austero,
a chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.*

*Depois perca mais rápido, com mais critério:
lugares, nomes, a escala subsequente
da viagem não feita. Nada disso é sério.*

*Perdi o relógio de mamãe. Ah! E nem quero
lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.*

*Perdi duas cidades lindas. E um império
que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.*

*— Mesmo perder você (a voz, o ar etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça (Escreve!) muito sério.*

Minha voz deve ter saído trêmula, porque o poema era um terremoto em mim. Quando terminei, a sala estava em completo silêncio.

A sra. Buster fez o que sempre faz. Encarou a turma com seu grandes olhos esbugalhados e disse:

— O que vocês acharam?

Natalie lançou um olhar na minha direção. Acho que ela se sentiu mal porque todo mundo estava olhando para mim, e não para a professora. Então levantou a mão e disse:

— Bem, é claro que ela está mentindo. Não é fácil perder as coisas.

Em seguida, todo mundo parou de olhar para mim e virou para Natalie.

A sra. Buster perguntou:

— Por que algumas coisas são mais difíceis de perder que outras?

Natalie respondeu com um tom de “não acredito que você perguntou isso”:

— Por causa do amor, claro. Quanto mais se ama alguma coisa, mais difícil é perder.

Levantei a mão sem nem me dar conta.

— Sabe, acho que, quando você perde alguma coisa próxima, é como perder a si mesmo. É por isso que, no final, até escrever é difícil para ela. Ela quase não sabe como fazer. Porque quase não sabe mais quem ela é.

Todos os olhos se voltaram para mim, mas, na mesma hora, ainda bem, tocou o sinal.

Peguei minhas coisas o mais rápido possível. Olhei para Natalie, e pareceu que ela estava me esperando. Achei que ela finalmente ia me convidar para almoçar, e eu não ia mais precisar ficar sozinha.

Mas a sra. Buster falou:

— Laurel, posso conversar com você um minuto?

Fiquei meio com raiva da professora, porque Natalie foi embora. Esperei, inquieta, diante da mesa, e ela perguntou:

— Como você está?

A palma das minhas mãos ainda estava suada por ter falado na frente de todo mundo.

— Hum... bem.

— Vi que você não entregou a primeira tarefa, a carta.

Olhei para baixo, a luz refletida no chão, e murmurei:

— Ah, é. Desculpa. Ainda não terminei.

— Certo. Vou te dar mais tempo desta vez. Mas quero que você me entregue na semana que vem.

Eu fiz que sim. E então ela disse:

— Laurel, se você precisar conversar com alguém...

Olhei para ela com uma expressão vazia.

— Eu dava aula no Sandia — a sra. Buster explicou, com cuidado. — May foi minha aluna de inglês no primeiro ano.

Não conseguia respirar direito. Comecei a ficar tonta. Achei que ninguém na escola saberia ou, pelo menos, que ninguém fosse falar sobre isso. Mas a sra. Buster olhava para mim como se eu tivesse a resposta de um mistério terrível. Eu não tinha.

Finalmente, ela disse:

— May era uma garota especial.

Engoli em seco.

— Sim — respondi. E saí.

O corredor barulhento me transtornava. Queria fechar os olhos e fazer com que todas as vozes se dissipassem.

*Beijos,
Laurel*